

DIAGNÓSTICO NA SALA DE AULA: IMPACTOS DO LAUDO MÉDICO NAS PRÁTICAS DOCENTES INCLUSIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SANTO ANTONIO DE PÁDUA

Jacqueline de Souza Gomes

(Universidade Federal Fluminense Email: jsgomes@id.uff.br)

Introdução

Ferramenta a estimular a pesquisa científica, o PIBIC pode também auxiliar a inserção dos(as) discentes no contexto da educação básica a partir de planos de trabalhos que se conectem com as necessidades e especificidades locais. Isto porque podemos considerar a pesquisa científica como uma construção que emerge da interação entre a práxis e a teoria. Neste sentido, este projeto visa à formação de professores(as) reflexivos(as) e capazes de lidarem com situações em sala de aula oriundas do processo de inclusão de alunos(as) com dificuldades de aprendizagem no município de Santo Antônio de Pádua. Focaremos especialmente na inclusão de pessoas com doenças raras que nem sempre possuem laudos médicos que categorizam, de fato, sua “condição”, mas que apareceram como demandas correntes nas conversas informais com docentes atuantes. Com isto, nosso intuito é fomentar competências para a tolerância, para os direitos humanos e para o respeito às diferenças.

De modo geral, objetivamos, pois, compreender como o laudo médico e, conseqüentemente, como o diagnóstico podem influenciar a compreensão da doença e as formas de atuação do(a) docente na sala de aula. Para tanto, nos fundamentaremos na sociologia do diagnóstico e áreas afins. De maneira específica, buscamos: a) analisar como os sujeitos da pesquisa (docentes do ensino fundamental, em anos a serem determinados, de escolas públicas do município de Santo Antônio de Pádua) definem, classificam e entendem doenças raras; b) identificar como os(as) referidos(as) docentes agem em relação a pessoas com doenças raras nas salas de aulas; c) enumerar os problemas informados por estes sujeitos em suas práticas pedagógicas e, a partir disto, elencar os temas e ações prioritários para uma prática pedagógica inclusiva.

Metodologia

Fundamentando-nos no referencial da Hermenêutica de Profundidade (Thompson, 2009) e no Método das Narrativas (Castellanos, 2014),

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

investigaremos como sujeitos desta pesquisa enunciam e representam os problemas relacionados à prática docente inclusiva. Nesta medida, além de um estudo dos referenciais teóricos sobre o tema (Canguilhem, Jutel, Fonseca, Goffman, etc), analisaremos como os referidos problemas são definidos e entendidos pelos sujeitos de pesquisa através de entrevistas presenciais ou à distância, respeitando as disposições normativas referentes à ética em pesquisa. O referencial da Hermenêutica da Profundidade será utilizado com vistas a guiar o acesso e o processamento dos dados, bem como para promover a interpretação de sentidos captados das falas das pessoas entrevistadas. Complementarmente, pautamo-nos no Método das Narrativas a fim de organizar as experiências pessoais e resgatar as construções simbólicas que as mesmas representam a partir dos diferentes contextos sociais a que se conectam.

Resultados:

Estamos na fase inicial do trabalho em que estamos materializando um grupo de pesquisa, composto por discentes da licenciatura em Pedagogia e do Mestrado em Ensino/PPGEEn, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, campus da Universidade Federal Fluminense no município de Santo Antônio de Pádua/Rio de Janeiro, para mapeamento e discussão de autores de referência nas áreas de sociologia do diagnóstico e afins. A partir das leituras, buscamos refletir sobre os impactos do laudo (ou da ausência do mesmo) na prática pedagógica docente. Esta primeira fase da pesquisa está centrada em 3 eixos de análise: a) *teórico-normativo* (mapeamento e estudo das bases teóricas, éticas e jurídicas); b) *metodológico* (categorização dos instrumentos da pesquisa para aplicação dos mesmos em fase posterior de pré-teste); e c) *formativo* (formação de discentes para a elaboração de relatórios e artigos científicos).

Discussão

Mildred Blaxter, em 1978, conclama a comunidade acadêmica para focar no estudo mais detalhado do diagnóstico e de suas implicações. A definição de diagnóstico, que é entendido pelo referido autor como categoria e processo, é importante para mensurá-lo como uma

ferramenta social importante. Desta maneira, com vistas a uma análise social, ética e política do diagnóstico é que se volta a sociologia do diagnóstico, área insurgente e em aprimoramento.

Depois de Blaxter, somente em 1995 é que Phil Brown publica o artigo “Naming and Framing: the social construction of diagnosis and illness” a fim de promover uma análise sobre o diagnóstico e a doença em suas várias dimensões. Ainda que Blaxter e Brown tenham sido os pioneiros, um estudo mais pormenorizado do diagnóstico através da sociologia do diagnóstico propriamente dita é recente. Charles Rosenberg, no artigo “The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience”, de 2002, relata o intercurso histórico do diagnóstico e a revolução que este impulsiona na vida social. O autor narra o redimensionamento do foco do diagnóstico, que passa da pessoa individualmente considerada à especificidade da doença. O século XX traz um estreitamento da relação entre diagnóstico e doença. Canguilhem, em 1978, é que abala esta relação ao promover o entendimento de inexistência de uma concepção objetiva e totalmente científica do normal.

Destaque-se, por fim, a centralidade assumida por Annemarie Jutel, atualmente professora na Universidade de Wellington, no estudo da sociologia do diagnóstico. A acadêmica, desde 2000¹, quando passou a se dedicar especificamente sobre a área, tem promovido pesquisas sobre os impactos do diagnóstico nas práticas socioculturais de proteção à saúde. Referência é sua obra intitulada “Putting a Name to It: Diagnosis in Contemporary Society”, de 2011. Antes desta, Jutel, em 2009, publicou um artigo sob o título “Sociology of Diagnosis: a preliminar review” que também consta no livro “Sociology of Diagnosis”, de 2011, organizado por P. J. McGann e David J. Hutson. Trata-se de artigo largamente citado em publicações sobre sociologia médica.

Conclusões

Reflexões sobre o diagnóstico tendem, no Brasil, a se restringir ao campo da sociologia da saúde e da doença. Não obstante, destacamos que, em abril de 2017, ocorreu na cidade de Niterói o “I Workshop sobre Sociologia do Diagnóstico: conceitos e aplicações”. Tratou-se de um evento, coordenado pelas professoras Jacqueline de Souza Gomes e Susan Kely, numa parceria entre a Universidade Federal Fluminense e da Universidade de Exeter a partir de projeto financiado pelo Programa Newton e que, de fato, foi uma das primeiras

¹ V. JUTEL, 2009; 2011a; 2011b; 2011c; 2013; 2015.

iniciativas para aplicar em solo brasileiro a sociologia do diagnóstico. Nesta ocasião, com a participação da professora Annemarie Jutel e outros representantes de diferentes áreas de conhecimento e sociedade civil, discutiu-se o conceito de diagnóstico e suas implicações psicossociais a partir da perspectiva dos pacientes, dos familiares, dos médicos e das associações de pacientes.

Corroboramos que a sociologia do diagnóstico pode trazer valiosas contribuições para uma compreensão do diagnóstico que não se fixa nos limites do conceito de doença e, deste modo, tal referencial poderá influenciar na prática docente e, conseqüentemente, na ressignificação da compreensão do diagnóstico, dos laudos médicos, das doenças, das pessoas com doenças raras e das práticas de sala de aula. O diagnóstico afeta a vida das pessoas que estão ao seu entorno e, por vezes, diagnósticos deformam subjetividades e podem levar à deterioração da vida do sujeito e de sua família. Geram estigmas que dilaceram dramaticamente muitas vidas. Portanto, o docente não pode atuar alheio a estes impactos. É um profissional que poderá formar ou deformar pessoas a partir de suas práticas.

Referências

BLAXTER, M. Diagnosis as Category and Process: The Case of Alcoholism. *Social Science and Medicine* n. 12, pp. 9–17, 1978.

JUTEL, A. Sociology of Diagnosis: a preliminar review. *Sociology of Health & Illness*, vol. 31, n. 2, pp. 278-299, 2009.

_____. Putting a Name to It: Diagnosis in Contemporary Society. JHU Press., 2011a.

_____. Classification, disease, and diagnosis. *Perspect. Biol. Med.*, n. 54, pp. 189–205, 2011b.

_____, Nettleton, S. Towards a sociology of diagnosis: reflections and opportunities. *Soc. Sci. Med.*, 2011c.

_____. When pigs could fly: influenza and the elusive nature of diagnosis. *Perspect. Biol. Med.*, n. 56, pp. 513–29, 2013.

_____. Beyond the Sociology of Diagnosis. *Sociology Compass*, n. 10, pp. 841-852, 2015.

ROSENBERG, Charles R. The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience. *Milbank Q*, 2002, Jun; 80 (2): 237-260.